

ARTIGO DE REFLEXÃO

REFLEXÕES A RESPEITO DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CORPOREIDADE DA MULHER ENFERMEIRA¹

Dolores Ferreira de Melo Lopes*
Miriam Aparecida Barbosa Merighi**
Mara Lúcia Garanhani***

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a construção histórica da corporeidade da mulher enfermeira. Discute como a mulher se envolveu no trabalho de enfermagem ao longo da história e a influência da corporeidade na prática da enfermagem. Durante as décadas, no contexto existencial do mundo da saúde, a diversidade de circunstâncias vem demandando da corporeidade da mulher enfermeira atitudes e comportamentos diferenciados. Esses diferentes papéis, agregados em um só ser, demonstram sua importância e representatividade como ser humano em relação aos outros, a si mesma, à sociedade e à enfermagem, conquistando assim maior autonomia e visibilidade profissional. Em seu mundo cotidiano a corporeidade possibilita à enfermeira revelar-se como ser humano que se inter-relaciona com outros seres humanos, alcança objetivos e um sentido para sua vida e, também, uma enfermagem mais humanizada e comprometida. Despertar para a importância da corporeidade no contexto da saúde e da profissão de enfermagem é vislumbrar novos caminhos e maneiras de agir como profissional enfermeiro em toda a sua plenitude, campo em que as mulheres, na maioria das vezes, ocupam papel de destaque.

Palavras-chave: Enfermagem. História da Enfermagem. Papel do Profissional de Enfermagem.

INTRODUÇÃO

Após a Revolução Industrial a mulher deixou de se ocupar só com o espaço da casa e os cuidados para com o marido e os filhos e passou a ocupar um espaço público, assumindo uma profissão⁽¹⁾. Assim, em sua condição existencial tem utilizado seu corpo e, conseqüentemente, sua corporeidade nos diversos espaços e situações do dia a dia.

Corpo e corporeidade são conceitos que se entrelaçam, pois são interdependentes na experiência existencial do ser humano. Não existe corpo sem corporeidade e, da mesma forma, a corporeidade necessita do corpo para se concretizar como fenômeno humano⁽²⁾.

A corporeidade é o corpo envolvido no mundo, relacionando-se com os seres e as coisas.

É um processo vivo, não confinado a seus limites físicos, mas aberto para o mundo. É formado de um homem exterior e de um homem interior e ambos fazem parte do mundo e da existência⁽³⁾.

A corporeidade é a forma como utilizamos nosso corpo no espaço existencial do qual fazemos parte. Compõe-se de nossas atitudes, de nossa forma de interagir, de nossos valores e emoções nos diferentes contextos sociais, desde o nascimento até a morte; ou seja, constitui-se da forma como nos apresentamos diante das pessoas, da sociedade, dos fatos cotidianos e de tudo o que construímos como seres existenciais. A corporeidade extrapola as características físicas, envolvendo um circuito de significados internos e externos que traduzem o que somos enquanto seres humanos.

¹Artigo construído a partir de um capítulo do projeto de doutorado intitulado Corporeidade no ensino da enfermagem: a percepção das mulheres docentes de enfermagem de uma universidade pública apresentado no Exame de qualificação do Curso de Pós graduação em Enfermagem (PPGE) da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

*Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora Assistente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: lopesdolores@yahoo.com.br

**Enfermeira. Doutora em enfermagem. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Psiquiátrica Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. E-mail: merigli@usp.br

***Professora Associada do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina, doutora em enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. E-mail: maragara@dilk.com.br

A corporeidade constitui-se das dimensões física, emocional-afetiva, mental-espiritual e socio-histórico-cultural. A dimensão física abrange a estrutura orgânico-biofísico-motora, organizadora de todas as dimensões humanas; a emocional-afetiva engloba o instinto-pulsão-afeto; dimensão mental-espiritual compõe-se da cognição, razão, pensamento, ideia e consciência; e a dimensão sócio-histórico-cultural aborda os valores, hábitos, costumes, sentidos, significados e simbolismos. Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade⁽⁴⁾.

A corporeidade é mais que a materialidade do corpo e do que o somatório de suas partes; não é algo objetivo, pronto e acabado, mas um processo contínuo de redefinições. É o resgate do corpo, é o deixar fluir, falar, viver, escutar, permitir ao corpo ser o ator principal, é vê-lo em sua dimensão realmente humana. Por meio da corporeidade, construímos nossa existência e nossa história⁽⁵⁾.

A enfermagem foi uma das profissões nas quais a mulher inseriu-se no mercado de trabalho, fazendo-se presente nos diversos contextos da área da saúde onde o cuidado se fazia necessário.

Embora a corporeidade no âmbito da profissão de enfermagem ocupe um lugar de suma importância, percebe-se que a temática corporeidade e as suas inter-relações com a evolução e prática da enfermagem têm sido pouco debatidas. Assim, propusemo-nos a instigar esta reflexão, pois acreditamos que a temática faz-se pertinente na prática dos profissionais de enfermagem. Esperamos contribuir para a compreensão do papel importante que a corporeidade tem nas diversas esferas onde a enfermagem se faz presente.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a construção histórica da corporeidade da mulher enfermeira.

REFLETINDO SOBRE A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CORPOREIDADE DA MULHER ENFERMEIRA

No contexto histórico do cuidado, do percurso da mulher na sociedade e da enfermagem, percebemos que a questão do

corpo-corporeidade está presente desde o início, ou seja, corpos interagem uns com os outros desde as primeiras necessidades de cuidado.

A mulher tem exercido o cuidado que acompanha a evolução histórica da humanidade. Na sociedade primitiva cabiam a ela todos os cuidados e práticas relacionados ao nascimento, ao parto, ao cuidado com as crianças e também aos doentes e moribundos. Essas atenções dadas ao corpo do outro constituíram-se no fundamento de um conjunto de práticas e cuidados desenvolvidos que continuam até hoje⁽⁶⁾.

Na Idade Média, o ato de cuidar das pessoas pertencia às funções domésticas e somente alargava-se um pouco mais no cuidado às pessoas de posse, que tinham seus escravos para tal atividade, que, mesmo sendo exercida por escravos, não perdia sua característica de trabalho doméstico⁽⁷⁾.

No período do cristianismo, o corpo da cuidadora passa a ser visto como aquele dotado de caridade e como pecador. Por meio desse trabalho, poderia ganhar o perdão de seus pecados. O cuidado dos enfermos foi uma das muitas formas de caridade adotadas pela Igreja que se conjugam na história da enfermagem. Os ensinamentos de amor e fraternidade transformaram não só a sociedade, mas também o desenvolvimento da enfermagem, modelando comportamentos que atendessem a esses ensinamentos⁽⁸⁾.

Nesta perspectiva, as mulheres cuidadoras prestavam assistência àqueles que necessitavam de cuidados ora com a finalidade de purificar seus corpos ora com o intuito de fazer caridade, mas o fizeram galgando novos espaços dentro da sociedade.

Surgiram assim as ordens cristãs nas quais viúvas e virgens eram as responsáveis pelo cuidado aos pobres e necessitados. Estas mulheres, chamadas diaconisas, cuidavam de enfermos, e delas exigiam-se virtudes morais, disciplina, pobreza, humildade, espírito de sacrifício pelo outro e pacificidade⁽⁹⁾.

Com o Renascimento e a Reforma Protestante houve um período crítico na Enfermagem, pois as religiosas foram expulsas de seus locais habituais e não foi criada outra organização, religiosa ou leiga, para dar continuidade àquela atividade. Isto levou as

peças que necessitavam de cuidadores a contratar para essa atividade indivíduos de índole duvidosa, mediante uma baixa remuneração. Nesta fase inicia-se o período de laicização da Enfermagem, que passa a ser exercida por mulheres de reputação duvidosa, consideradas imorais, bêbadas, analfabetas, submetidas na maioria das vezes, a extensas jornadas e péssimas condições de trabalho⁽⁹⁾.

O século XVI foi o período de revigoração das ordens religiosas, sendo fundadas, na França, as Companhias de Irmãs de Caridade com a finalidade de exercer a enfermagem como um serviço social. Estas atendiam os inúmeros pobres que vagavam pelas ruas e os doentes assolados pelas pestes que então devastavam a Europa. Na admissão das irmãs de caridade, reforçava-se a importância das características de valorização do corpo no serviço de caridade. Essas irmãs deveriam ser saudáveis fisicamente e submissas aos superiores, dedicar-se integralmente aos pobres, silenciosas, passivas, humildes, ter espírito de abnegação e caridade, além de serem tolerantes, cordiais e obedientes⁽⁸⁾.

Assim, esta época exigia um corpo moldado conforme o que se desejava dele, com características físicas, individuais e subjetivas predefinidas. O corpo parecia ser um objeto das transformações sociais oriundas do sistema religioso vigente. Tendo em vista a necessidade de adequação a este perfil exigido, pode-se compreender que, mesmo possuindo características físicas individuais, personalidades e valores diferenciados, as mulheres que tinham o desejo de trabalhar na enfermagem eram impedidas de manifestar-se totalmente como seres existenciais.

Assim, corpos caridosos, reservatórios de pecados, assexuados, prostituídos, corpos sem remuneração, submissos, dóceis, obedientes, sem conhecimento científico, cumpridores de tarefas e não questionadores representaram a enfermagem e como a corporeidade era vista até esse momento histórico.

A partir da segunda metade do século XIX a enfermagem passou a ser vista como profissão e como um campo do saber. Isto ocorreu, sobretudo, por meio do trabalho de Florence Nightingale, que se empenhou no desenvolvimento da cientificidade nas ações de

enfermagem e identificou intervenções que, aplicadas ao paciente e ao ambiente, pudessem desencadear a manutenção e a recuperação da saúde. No entanto, traçou alguns padrões morais para a mulher que praticava a enfermagem, delineando um perfil para esta profissional⁽¹⁰⁾. Ela teve uma importância mundialmente significativa e seu trabalho é valorizado por todos os autores que tratam da história de enfermagem. Por intermédio do seu exemplo trouxe à tona a busca de uma maior autonomia profissional para a mulher enfermeira, despertando nesta outras formas de exercer sua corporeidade no mundo da saúde.

Atualmente, novos conhecimentos estão sendo incorporados de modo contínuo, assegurando à profissão uma contribuição nos diferentes campos de saber e de atuação, ocupando novos espaços nos programas de assistência, gestão e coordenação dos serviços de saúde, participando de debates e assim desvincilhando-se gradativamente da imagem construída anteriormente, resultando no domínio progressivo de saberes e práticas⁽¹¹⁾.

Somos corpos eminentemente expressivos no tempo e no espaço e por isso, comunicantes, interativos, lúdicos, sensíveis, criativos, sujeitos a uma existência que nos ensina a sermos cada dia melhores⁽¹²⁾.

Assim, a mulher, sendo um corpo no tempo e no espaço da história da enfermagem, exerceu um papel de destaque, participando ativamente na construção da profissão e na prática do cuidado, buscando novos valores e significados nos diversos contextos onde tem atuado, seja na área assistencial, seja na gerencial, na de pesquisa ou no âmbito educativo.

Em todos os tempos, sempre a mulher enfermeira utilizou-se de sua corporeidade no ato de cuidar por sua forma de agir: percebia-se e era percebida, ouvia e falava, envolvia-se e interagiu com o cliente.

Sendo um corpo existencial, a enfermeira pode sensibilizar-se, sofrer, adoecer, ter cansaço físico, alegrar-se, sorrir, chorar, calar-se, aquietar-se, entre outras inúmeras possibilidades. Ao cumprir seu papel assistencial, a enfermeira tem a oportunidade de conviver com o outro e de desenvolver-se como corporeidade em toda a sua plenitude. Nesta perspectiva, o cuidado gera uma relação construtiva para aquele que cuida e para

quem é cuidado, extrapolando as necessidades biológicas e criando uma relação de afetividade na qual a corporeidade é o componente principal desse inter-relacionamento humano.

A enfermeira, ao cuidar em seu verdadeiro sentido, interage com o paciente, colocando em prática seu conhecimento, sua habilidade técnica, sua sensibilidade, ajudando-o a crescer. Por sua vez, o paciente, em sua experiência genuína, compartilha seu ser, sua experiência, seus rituais de cuidado e suas características. Vale ressaltar que ambos, cuidadora e ser que é cuidado, deverão se beneficiar por meio dos encontros de cuidado⁽¹³⁾.

Na enfermagem, a corporeidade pode ser vista como o modo de ser das pessoas, como a essência expressa pelo corpo que vê e é visto, que sente e é sentido, toca e é tocado no processo de coexistência humana, compreendendo as várias possibilidades de vivenciar o corpo⁽⁵⁾. Ao contrário, quando isto não acontece, quando não se percebe a influência da própria corporeidade no ato de cuidar, pode-se adotar uma postura robotizada, não enxergando o ser que necessita de cuidado nem o ser que está cuidando, convivendo-se em uma realidade fria, sem vida e sem crescimento para nenhuma das partes.

O corpo próprio como experiência vivencial propicia o coexistir da racionalidade e da sensibilidade nas práticas do cuidar. Esta coexistência permite ao corpo da cuidadora a expansão de suas potencialidades, mediante um exercício contínuo de deixar de ser um “em si” para se transformar em um “nós”, estabelecendo uma relação de intercorporeidade na qual o corpo cuidado torna-se sujeito do processo de cuidar⁽¹⁴⁾. Nosso corpo é nossa presença, nossa morada no mundo; ele possui uma concretude física, ocupa um lugar no espaço de uma existência⁽¹⁵⁾.

No contexto gerencial, a corporeidade também ocupa um lugar de destaque e é imprescindível na atuação profissional do enfermeiro. Aspectos ligados à tomada de decisão, à gerência de recursos humanos, ao gerenciamento de conflitos, ao planejamento e organização do processo de trabalho, à comunicação e à liderança dependem da corporeidade e do modo como o enfermeiro age e comporta-se diante das diversas situações.

A gerência não é uma função isolada, ela é realizada pelo homem como sujeito social, pois possui normas, teorias e modelos em que cada corpo se utiliza daquele saber/conhecimento advindo de uma educação, de uma trajetória de vida, em um espaço determinado, situado em uma cultura gerencial singular⁽¹⁶⁾.

No que diz respeito à pesquisa, a corporeidade também se faz presente, pois, ao desenvolver este papel, o enfermeiro, em sua experiência existencial, busca resposta para problemas vivenciados em seu mundo-vida. Busca entendimento para aquilo que vivencia como corpo, em um determinado espaço onde surgem suas interrogações. Os profissionais de enfermagem percebem também os fenômenos e as pessoas, refletem sobre os fatos observados e neles utilizam sua consciência. Adquirem intencionalidade sobre aquilo que presenciam, compreendem para melhor intervir em sua realidade cotidiana.

Da mesma forma, no papel educativo a corporeidade está presente. A corporeidade, na formação do professor e do indivíduo, pode funcionar como uma espiral, à medida que o docente se conscientize de seu corpo e busque refletir sobre seu potencial pedagógico, passando a construir e produzir cultura, dando um novo significado à própria vida⁽¹⁷⁾.

A corporeidade é uma dimensão facilitadora da aprendizagem do ser humano⁽¹⁸⁾. A educação é um processo histórico, social, cultural e permanente que acontece a todo o tempo na relação dos sujeitos uns com os outros, com o mundo e consigo mesmos⁽¹⁹⁾.

Assim, tanto na área assistencial quanto na gerencial, na de pesquisa ou na de ensino, a corporeidade da mulher enfermeira sempre estará presente e expressará continuamente a construção histórica da realidade profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da corporeidade, a enfermeira está inserida no mundo da saúde, tendo a oportunidade de conquistar maior visibilidade profissional e autonomia. Por meio de sua historicidade pode marcar a profissão ao longo dos tempos.

Para isso ela precisa saber lidar com a sua corporeidade e descobrir a influência desta em

seu mundo cotidiano, refletida nos modos de a enfermeira revelar-se como ser humano que se inter-relaciona com outros seres humanos, alcança objetivos e satisfação profissional, exercendo também uma enfermagem mais humanizada e comprometida com a vida humana e com a história da profissão.

Falar a respeito do corpo, corporeidade e história de enfermagem remete-nos ao desejo de novos rumos, nos quais a corporeidade seja um complemento essencial à prática profissional.

Desse modo, a enfermagem necessita conscientizar-se de sua corporeidade, pois o corpo se faz presente de modo muito além de seus aspectos biológicos e objetivos, alcançando, assim, grandes significados na constituição da enfermagem como profissão.

Acreditamos que a discussão desta temática pode ser inserida no âmbito da enfermagem e

que sua inserção nos cursos de graduação contribui para que o aluno exercite a própria corporeidade em sua vida acadêmica e profissional.

Ao finalizamos nossas reflexões, estamos conscientes de que para o desenvolvimento da temática é necessário também o aprofundamento de outros estudos que possibilitem a compreensão da corporeidade na área da enfermagem, buscando subsídios para novas ações que aproximem cada vez mais com essa temática os profissionais que atuam na área da saúde.

Percebemos que a construção destes novos caminhos permitirá a valorização e o conhecimento da grande importância da temática corporeidade na profissão e no contexto da história da enfermagem.

REFLECTIONS ON THE HISTORICAL CONSTRUCTION OF THE CORPORALITY OF THE WOMAN NURSE

ABSTRACT

The purpose of this article is to reflect on the historical construction of the corporality of the woman nurse. It ponders how the woman came to be involved in the work of nursing over the course of history and the influence of corporality in the practice of nursing. Over the decades, in the existential context of the healthcare world, the diversity of circumstances has demanded differentiated attitudes and behaviors of the woman nurse with respect to her corporality. These distinct roles, aggregated in a single being, demonstrate her importance and representational aspect as a human being in relation to others, herself, society, and the practice of nursing, thus achieving greater autonomy and professional visibility. In her everyday world, corporality allows the nurse to reveal herself as a human being as she relates to other human beings, reaches her goals and achieves meaning for her life, as well as making the practice of nursing more dedicated and humanized. To become cognizant to the importance of corporality in the context of healthcare and the profession of nursing is to take a glimpse of new paths and means of acting as a fulfilled responsible professional in an occupation where women largely take the forefront.

Key words: Nursing. History of Nursing. Nurse's Role.

REFLEXIONES SOBRE LA CONSTRUCCIÓN HISTÓRICA DE LA CORPOREIDAD DE LA MUJER ENFERMERA

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflejar sobre la construcción histórica de la corporeidad de la mujer enfermera. Discute cómo la mujer se ha involucrado en el trabajo de enfermería a lo largo de la historia y la influencia de la corporeidad en la práctica de la enfermería. Durante décadas, en el contexto existencial del mundo de la salud, la diversidad de circunstancias ha demandado de la corporeidad actitudes de la mujer enfermera y comportamientos diferenciados. Esos diferentes papeles, agregados en un sólo ser, demuestran su importancia y representatividad como ser humano con relación a los demás, a sí mismo, a la sociedad y a la enfermería, conquistando así mayor autonomía y visibilidad profesional. En su mundo cotidiano la corporeidad posibilita a la enfermera revelarse como ser humano, que se interrelaciona con otros seres humanos, alcanza objetivos y un sentido para su vida, y también una enfermería más humanizada y comprometida. Despertar para la importancia de la corporeidad en el contexto de la salud y de la profesión de enfermería es vislumbrar nuevos caminos y maneras de actuar como enfermera profesional en toda su plenitud, donde las mujeres en su gran mayoría ocupan papel de destaque.

Palabras clave: Enfermería. Historia de la Enfermería. Rol de la Enfermera.

REFERÊNCIAS

1. Spíndola T. Mulher, mãe, e trabalhadora de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP*. 2000 dez; 34(3):354-1.
2. Lopes DFM. Mulheres docentes de enfermagem de uma universidade pública: a percepção a respeito da corporeidade em sua atuação profissional. [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2009.
3. Araiza A, Gisbert G. Transformaciones del cuerpo em psicologia social. *Psicol Teor Pesqui*. 2007;23(1):111-7.
4. João RB, Brito M. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. *Rev bras educ fis esporte*. 2004 jul-set;18(3):263-2.
5. Polak YNS. A corporeidade como resgate do humano na enfermagem. 1996. [tese]. Florianópolis (SC): Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina; 1996.
6. Oguisso T. As origens da prática do cuidar. In: Oguisso T. *Trajetória histórica e legal da enfermagem*. São Paulo: Manole; 2005. p. 3-29.
7. Rodrigues RM. Enfermagem compreendida como vocação e sua relação com as atitudes dos enfermeiros frente às condições de trabalho. *Rev. latino-am. enfermagem*. 2001 nov-dez;9(6):76-82.
8. Padilha MIC, Mancia JR. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. *Rev. bras. enferm*. 2005 nov-dez;58(6):723-6.
9. Paixão W. Período crítico da enfermagem. In: Paixão W. *História da enfermagem*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Júlio C. Reis Livraria; 1979. p. 53-6.
10. Andrade AC. A enfermagem não é mais uma profissão submissa. *Rev. bras. enferm.*. 2007 jan-fev;60(16):96-8.
11. Santos LAC, Faria L. As ocupações supostamente subalternas: o exemplo da enfermagem brasileira. *Saude soc.* [online]. 2008 jun. [citado 2008 nov 19];17(2):35-44. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v17n2/05.pdf>.
12. Souza AIJ, Erdmann AL. Contribuições para o conhecimento em enfermagem à luz da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. *Rev gauch enferm*. 2006 jun;27(2):166-5.
13. Waldow VR, Borges RF. O processo de cuidar sob a perspectiva da vulnerabilidade. *Rev. latino-am. enfermagem*. 2008 jul-ago;16(4):765-1.
14. Labronici LM. A corporeidade propiciando o coexistir da racionalidade e da sensibilidade nas práticas de cuidar. [dissertação]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 1998.
15. Lima RC, Brêtas JRS. Estudo comparativo entre séries de graduação em enfermagem: representações dos cuidados ao corpo do cliente. *Acta paul enferm*. 2006 out-dez;19(4):79-6.
16. Prochnow AG, Leite JL, Trevizan MA. Manifestações culturais e corpóreas do enfermeiro na sua prática gerencial. *Texto & contexto enferm*. 2006 jul-set;15(3):449-7.
17. Montagnoli D. Corporeidade: a linguagem que constrói e produz cultura corporal na profissionalização continuada dos docentes da UNERJ. [dissertação]. Havana (Cuba): Universidade de Havana; 2001.
18. Amorim MLL. Perspectivas e implicações da corporeidade na práxis pedagógica do professor de ensino médio [dissertação]. Brasília, DF: Universidade Católica de Brasília; 2004.
19. Szewczyk MSC, Lopes FL, Cestari MEC, Santos SC, Lunardi VL. Refletindo sobre a educação o trabalho de enfermagem à luz das idéias de Paulo Freire: a possibilidade de um novo olhar na educação. *Cienc cuid saude*. 2005 set-dez;4(3):276-3.

Endereço para correspondência: Dolores Ferreira de Melo Lopes. Rua Chile, 185, bloco B, apto 102, CEP: 86.010-220, Londrina, Paraná. E-mail: lopesdolores@yahoo.com.br

Data de recebimento: 19/10/2009

Data de aprovação: 24/05/2010